

Niemeyer discute alterações em entrequadras e cemitério

MONICA BISI

Na próxima sexta-feira, o arquiteto Oscar Niemeyer, um dos responsáveis pela construção de Brasília, receberá a visita de representantes de vários órgãos do DF para debater a expansão das áreas comerciais do Plano Piloto e a verticalização do cemitério Campo da Esperança.

Estarão presentes a presidente da Câmara Legislativa, deputada Lúcia Carvalho (PT-DF), o presidente da Associação Comercial do DF, Lindberg Cury, além de representantes do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan), do Instituto de Planejamento Territorial e Urbano do DF (IPDF) e da Administração Regional de Brasília.

A Lei 1.071/96, sancionada em maio do ano passado pelo governador Cristovam Buarque, regulariza as invasões de áreas públicas nas áreas comerciais do Plano Piloto, mas o tipo de

construção que será feita ainda não foi definida.

Projeto - A deputada Lúcia Carvalho disse que a comissão levará a Niemeyer um projeto arquitetônico com todas as fases para que ele assine. "É preciso definir se as construções serão de alvenaria ou de madeira, entre outras coisas. Além disso, é necessário discutir a cláusula do Iphan que coloca ele e Lúcio Costa como figuras essenciais na assinatura de qualquer projeto que mexa com a arquitetura de Brasília", explicou a deputada.

A proposta de ampliação das áreas comerciais nas entrequadras do Plano Piloto agrada aos lojistas, mas não aos moradores. A proposta do Sindivarejista de construir ruas atrás dos estabelecimentos comerciais, estacionamento exclusivo, áreas de lazer, além da expansão das áreas comerciais gera confrontos com a população que mora nas quadras residenciais.

O presidente do Conselho

Comunitário da Asa Sul (CCAS), Ricardo Pires, acredita que é preciso expandir as lojas em seis metros, como foi definido por lei, mas não transformar a parte de trás em rua. "O comércio das entrequadras é pioneiro e está consolidado. A comunidade aceitou a ampliação porque é irreversível e porque, muitas vezes, o fundo dos comércios parece um chiqueiro, sujo e sem segurança nenhuma", comentou Ricardo.

Ele, porém, não concorda com a abertura de ruas, com a criação de estacionamentos e áreas de lazer no fundo das comerciais. "Essa proposta é um desatino. A população jamais apoiará. Isso significa barulho, falta de segurança, presença de trombadinhas, riscos de atropelamentos e desvalorização dos imóveis. A construção de uma rua irá separar as quadras do comércio, o que fere a arquitetura de Brasília programada para ter moradias e comércio juntos", atacou.